



ARQUIVOS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES NA PRODUÇÃO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS

Salim Silva Souza¹
Andréia Bispo dos Santos²
Josefa Eliana Souza³

GT12 - História da Educação

RESUMO

Esta pesquisa é uma contribuição aos estudos da Ciência da Informação e História da Educação, realizada por meio de uma contextualização histórica trazendo alguns aspectos historiográficos referente a Documentação. O estudo enfatiza a caracterização dos documentos, nos seus vários tipos de suportes, como fonte de pesquisa, por meio da concepção da Nova História e dos avanços tecnológicos. O trabalho está fundamentado teoricamente a partir das pesquisas produzidas por Ortega (2009), Silva; Freire (2012), Le Goff (1990), entre outros. A metodologia adotada nessa investigação foi o levantamento bibliográfico. Espera-se com este trabalho mostrar a importância do Arquivo e Centros de Documentação como apoio a pesquisa científica e preservação da memória cultural. Deste modo, estaremos contribuindo para que o pesquisador possa, de maneira rápida e precisa, encontrar os documentos que selecionou.

Palavras-chave: Arquivo. Centro de Documentação. Documentação. História da Educação. Pesquisa.

ABSTRACT

This research is a contribution to the studies of Information Science and History of Education, accomplished through a historical contextualization bringing some historiographic aspects regarding Documentation. The study emphasizes the characterization of documents, in their various types of media, as a source of research, through the conception of New History and technological advances. The work is based theoretically from the researches produced by Ortega (2009), Silva; Freire (2012), Le Goff (1990), among others. The methodology adopted in this investigation was the bibliographical survey. It is hoped with this work to show the importance of the Archive and Documentation Centers as support for scientific research and preservation of cultural memory. In this way, we will be helping the researcher to quickly and accurately find the documents he has selected.

Keywords: Archive. Documentation Center. Documentation. History of Education. Search.

¹ Mestrando em Educação, pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq; Especialista em Gestão da Educação: pedagogia empresarial (Faculdade São Luís de França); Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (ICI/UFBA); Coordenador do Repositório Institucional do IFS. E-mail: salmilas@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq; Especialista em Docência do Ensino Superior com ênfase em Educação a Distância, pela Faculdade Jardins; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe; Professora da Rede Estadual de Educação de Sergipe. E-mail: andreiabmsa@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo-PUC/SP, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe/UFS, Licenciada e Bacharela em História/UFS. Professora Associada I do Departamento de Educação da UFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq. E-mail: elianasergipe@uol.com.br



INTRODUÇÃO

Este estudo visa contribuir aos estudos da Ciência da Informação e da História da Educação no que tange ao entendimento da forma como os documentos concentrados em Arquivos e Centros de Documentação são utilizados como fontes fidedignas de pesquisa e referência na construção do pensamento acadêmico-científico. Para embasamento dessa investigação tornou-se relevante ressaltar ao conceito de documento, abordando brevemente o contexto histórico do campo da Documentação que vem organizando e readequando a produção documental.

Esses documentos guardados nos arquivos e centros de documentação, são geridos e organizados de uma maneira que possam fornecer, aos interessados, as informações neles contidos de forma ágil e segura. Neste sentido, a classificação dos documentos de arquivos deve ser realizada a partir de um método de arquivamento a ser definido, levando em consideração a estrutura da instituição, suas funções e a natureza de sua documentação.

O estudo aqui proposto é de caráter histórico que busca compreender na ótica da Ciência da Informação, e no âmbito da Documentação: de que maneira a pesquisa documental passou a ganhar espaço no cenário científico e de que forma contribuíram o Arquivo e Centro de Documentação na disponibilização e guarda dos documentos utilizados pelos pesquisadores na produção de trabalhos científicos.

O método utilizado nesse estudo é descrito por Diehl (2007, p. 20) de que cada pesquisa histórica se desenvolve por meio de um questionamento sobre o passado que corresponde em parte a uma necessidade e interesse de ação sociocultural humana do presente em busca de uma direção temporal, sendo assim o ponto de partida para se entender e assumir o processo de pesquisa. Em vista disso procura-se nesse estudo responder ao seguinte questionamento: De que forma os arquivos e centros de documentação se prepararam para a guarda e preservação desses documentos, bem como contribuem na construção e elaboração de pesquisas científicas?

Esse estudo fundamenta-se no pressuposto da realização da pesquisa exploratória com o objetivo de reunir documentos, dados, informações acerca do tema proposto. Segundo Vieira (2002) esse tipo de pesquisa procura explorar um problema ou uma situação para prover critérios e compreensão. Das metodologias mais indicadas a esse tipo de pesquisa



adotou-se a análise histórica e levantamento de fontes bibliográficas.

Para melhor compreensão desse estudo, foi dividido em três partes, a primeira apresentando um breve histórico de como o estudo sobre Documentação começou a se diferenciar como um campo de estudo da área da Ciência da Informação; o segundo procurar distinguir as instituições “Arquivo” e “Centro de documentação” e mostrar a relevância destes na preservação e guarda documental e o terceiro que visa trazer considerações sobre o modo como o pesquisador trata e utiliza em suas pesquisas os documentos desses centros informacionais.

DOCUMENTAÇÃO: ETIMOLOGIA e BREVE HISTÓRICO

O campo da Documentação sempre esteve muito atrelado a Biblioteconomia pelo fato de ambas trabalharem com o tratamento, seleção, disseminação e preservação do conhecimento, e pertencerem a área da Ciência da Informação. Contudo, ambas têm histórias distintas a começar pelas suas etimologias. No intuito de fazer essa distinção de áreas que caminham próximas e que se complementam procurou-se definir os termos Biblioteconomia e Documentação em suas raízes.

Segundo Fonseca (2007) o significado etimológico da palavra “Biblioteconomia” é composto por três elementos gregos: *biblion* (livro); *théke* (caixa); *nomos* (regra) aos quais se adicionou o sufixo *ia*. Portanto, podemos concluir que biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios.

Quanto à etimologia do termo “Documentação” vem a partir dos termos latinos *documenta*, *documentatio* e *documentum*, este último surge das raízes da palavra latina *docere*, que significa ensinar. No entanto Ortega (2009) e Aulete (2011) definem a forma “documentação” para indicar o conjunto de fundamentos, metodologia e técnicas de organização da informação em qualquer tipo de suporte com a finalidade de recuperação, acesso e utilização. Todavia, a distinção conceitual dos termos Biblioteconomia e Documentação não existiam, mantiveram-se, pois, unidas em sentido semântico desde o século XV até o final do século XIX.

Porém, segundo Silva; Freire (2012, p. 9), os estudos sobre documentação possuem como origem a bibliografia que embora tenha sido desenvolvida desde a antiguidade na Inglaterra, ganhou ênfase na Idade Moderna, e que tinha como principal preocupação “no



acesso à informação, nos mais diversos suportes documentais e em diferentes centros de informação (biblioteca, arquivo, museu), enquanto a Biblioteconomia estava interessada no tratamento e utilização do livro e, em nível mais amplo, para indicar a atividade de gestão e organização de acervos de bibliotecas.

Colaborando com esse raciocínio, Ortega (2009) comenta que:

Qualquer coisa em que o conhecimento é registrado é um documento, e documentação é todo o processo que serve para tornar um documento disponível para alguém que busca conhecimento. Biblioteconomia e organização de serviços de informação, bibliografia e catalogação, resumo e indexação, classificação e arquivamento, métodos fotográficos e mecânicos de reprodução; todos eles e muitos outros são canais de documentação que guiam o conhecimento até quem o solicita (WOLEGDE, 1983, p. 270 apud ORTEGA, 2009, p. 63).

Fantini (2001) conceitua documento como o conjunto de informações, em meio eletrônico ou não, que agrega dados estruturados, semiestruturados e não estruturados e que representam o conhecimento produzido no processo da organização, de modo que, os documentos podem representar dados em diferentes formas ou formatos. Porém essa conceituação de documentos, bem como sua importância foram revistas ao longo da história.

Segundo Hora; Saturnino; Santos (2010), após um período em que a Igreja Medieval concentrou o conhecimento documental e bibliográfico em seu poder, no Renascimento, ocorreu uma grande revolução cultural, que contribuiu com o aumento da documentação em um curto espaço de tempo, valorizando à necessidade de guarda e de organização dos mesmos em um espaço físico adequado, contribuindo de forma positiva para a arquivística.

Neste período medieval, as primeiras universidades surgem e começam a difundir o conhecimento, capacitando a uma parcela da população e auxiliando na interpretação das informações contidas nos documentos, produzindo com isso mais registros. Ainda segundo Hora; Saturnino; Santos (2010), a partir desse período houve também um grande aumento de documentos literários, pois neste tempo surge a imprensa permitindo a publicação de um grande volume de livros contribuindo para maior difusão do conhecimento.

No final do século XIX com os avanços científicos resultaram em uma explosão documental e em novos tipos de suportes levando a uma preocupação de como lidar com essa



situação, surgindo novos conceitos e levando a ciência a um patamar diferenciado. A Revolução Francesa contribuiu de uma maneira significativa para a Arquivística, pois durante o movimento, os camponeses ficaram divididos entre destruir os documentos referentes ao antigo regime, com o objetivo de "apagar" as más lembranças desta odiada época ou organizá-los e conservá-los em um arquivo para levar as informações às gerações futuras.

Sendo assim começou-se na década de 1890, com os bibliógrafos e advogados belgas Paul Otlet (1868-1944) e Henry La Fontaine (1854-1943) o desenvolvimento de uma normatização para classificar esses tipos de materiais, criando-se a Classificação Decimal Universal (CDU)⁴ a partir dos catálogos de bibliotecas e do Sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD)⁵ utilizado na Biblioteconomia.

Em 1895, Otlet e La Fontaine já haviam criado o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) que auxiliou na consolidação dos fundamentos da Documentação. Porém, segundo Silva; Freire (2012, p. 9) “havia certa resistência dos documentalistas europeus em agregar práticas biblioteconômicas e muita resistência dos estudiosos estadunidenses em agregar estudos mais cientificistas dos documentalistas europeus”. Enquanto que a Documentação ganhou maior espaço na Europa, em especial na França, apenas nos anos 1950, ela surgia com força nos EUA.

Segundo Hora; Saturnino; Santos (2010), no século XX houve um desenvolvimento das novas tecnologias, como o surgimento do computador, redes, e bases de dados em proporção global e em tempo real, dando origem a documentos e arquivos digitais, onde as informações podem ser consultadas a qualquer momento, e de onde estiver, por meio da Internet. Nesse período conforme salienta Siqueira (2010, p.58) as bibliotecas projetavam suas atenções à educação de massa, “produzida pela Revolução Industrial, e os arquivos procuravam se institucionalizar e resolver seus problemas de organização informacional, a Documentação abriu espaço”.

A Documentação surge com grande entusiasmo suprimindo essa demanda no tratamento destas novas fontes de informação, dos documentos não convencionais, como periódicos, mapas e fotografias. Uma nova concepção de documento estava sendo entendida, a de que este não

⁴ Conhecida como CDU, é um sistema internacional de classificação de documentos separados por dez áreas do conhecimento humano.

⁵ Conhecida como Sistema Decimal de Dewey e CDD, é um sistema de classificação documental desenvolvido por Melvil Dewey (1851–1931) em 1876.



ficava restrito ao suporte ou formato e sim como um registro de um conhecimento. Tanto que, segundo Siqueira (2010, p.59) passou-se a “considerar documento como uma evidência, ou seja, qualquer objeto poderia ser um documento desde que fosse tratado como tal, considerando para isso critérios como: materialidade, intencionalidade e organização em um sistema.”

Houve então uma preocupação maior da maneira em que deveria ser feito o armazenamento, tratamento, conservação e recuperação de documentos de modo automatizado para maior visibilidade, revolucionou o conceito de informação. Nesse novo contexto o conceito de Documentação passou a ser substituído pela Ciência da Informação por ser uma ciência pós-moderna, com maior flexibilidade e tolerância relativa à sua consolidação científica. (SIQUEIRA, 2010, p. 64)

No Brasil, conforme relatado por Ortega (2009) os princípios documentários e a obra de Otlet são conhecidos no Brasil pela adoção em muitas bibliotecas do sistema de classificação CDU, inclusive em Sergipe nas de instituições de ensino superior. Em 1954 foi criado Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)⁶, com o apoio da UNESCO. Um ano depois já organizava o primeiro curso de pós-graduação (especialização) na área, com o Curso Documentação Científica. A partir de 1957 algumas Escolas de Biblioteconomia já utilizavam também a Documentação em sua nomenclatura

Segundo Castro (2000), na década de sessenta no Brasil, já eram organizados cursos de especialização em Documentação Científica promovidos pelo IBBD, a partir desse fato os termos Biblioteconomia e Documentação começaram a serem utilizadas juntas, em especial na década de noventa quando a denominação Ciência da Informação passou a ser mais amplamente adotada como uma área mais abrangente.

A quebra de paradigmas antes constituídos também foram determinantes em outras áreas científicas, como por exemplo a História, que com essa nova concepção de documentos em vários tipos de suportes como fontes de informação abriu-se outras vertentes na forma de se pensar e fazer uma pesquisa histórica. Como salienta Ferreira, a mesma disserta que:

[...] a partir da década de 1980, registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise

⁶ Desde a década de 1970 passa a ser conhecida como Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) atuando na promoção da popularização da informação científica e tecnológica. Fonte: <<http://www.ibict.br>>



qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais... Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se à história o estudo do contemporâneo (FERREIRA, 2012, p. 319).

A valorização da memória coletiva por parte dos historiadores da Nova História buscou-se produzir um conhecimento racional, mediante uma análise crítica por meio de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. Essa construção teria que ser pautada em emoções e vivências, lembrados à luz da experiência e das necessidades do presente, sendo assim utilizando outros tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais, como o de fazer uso de entrevistas, imagens, relatórios estatísticos, além de se fazer uma releitura de alguns tipos de registros oficiais. (FERREIRA, 2012, p. 321)

Por conta desse fluxo contínuo de fontes de informação e a valorização da documentação em vários tipos de suportes foi necessário se pensar em acomodar, selecionar, preservar e disponibilizar esses documentos contribuindo para a ampliação de espaços físicos e em ambiente virtual como Arquivos e Centros de Documentações visando a guarda documental.

ARQUIVO E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO COMO GUARDA DOCUMENTAL

A fim de fazer as devidas distinções dessas duas unidades de informações: “arquivo” e “centro de documentação”, que comumente são associadas como sinônimas, ou seja, que são serviços que possuem a mesma finalidade de custódia, preservação e acesso a documentos. Porém as características dos acervos são distintas, no caso do Arquivo, tratam-se de documentos de valor histórico, enquanto os do Centro de Documentação são documentos correntes utilizados pela administração de sua instituição responsável.

Para melhor compreensão será apresentado os conceitos referentes a arquivo e centro de documentação pesquisados em bibliografia da área arquivística e das ciências da informação. De acordo com o Dicionário de Terminologia Arquivística (2004) "arquivo é o conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, independente da natureza do suporte". Aulete (2011) compartilha de uma definição semelhante:



Arquivo é um conjunto de documentos ou elementos de informação, em diferentes tipos de suporte (manuscritos, impressos, fotográficos, fonográficos, etc.) guardados e conservados com registro que permita sua fácil localização e consulta, mantidos sob a guarda de uma pessoa ou de uma instituição (AULETE (2011, p. 148).

Segundo o arquivista Souza (2016, p. 33) o arquivo é composto da reunião de documentos acumulados naturalmente pela instituição produtora e recebedora dos mesmos, “não são adquiridos por meio de compras ou permutas. Os documentos de arquivo são encontrados em instituições públicas, em órgãos privados, bem como produzidos por pessoas físicas ou famílias.” O arquivo tem como funções de custódia, preservação e acesso aos documentos.

O centro de documentação é muito confundido com arquivos, bibliotecas ou museus, quando na realidade ele reúne elementos desses três num único lugar. Segundo Paes (2006, p. 17) “a função dos centros de documentação ou informação, que abrangem algumas atividades próprias da biblioteconomia, arquivística e da informática, sendo o seu campo bem maior, exigindo especialização no aproveitamento de documentos de toda espécie.” Em resumo, ele tem um acervo especializado sobre um determinado assunto ou instituição, “tendo como finalidade coligir, armazenar, classificar, selecionar e disseminar toda a informação.”

As atribuições de um centro de documentação, conforme descreve Souza, são semelhantes à de um arquivo permanente ou histórico, nesse sentido nos esclarece que:

Que deve ser preservado e disponibilizado a consultas e pesquisas do público, reunir, custodiar e preservar documentos de valor permanente, úteis ao ensino e à pesquisa no seu contexto de informação; manter políticas de preservação desses documentos; disponibilizar esse acervo aos usuários que consultam esse acervo específico; divulgar esse acervo, assim como promover intercâmbio com outras instituições, essa última ação não assemelha-se a de um arquivo (SOUZA, 2016, p.38).

São diversas as nomenclaturas utilizadas para nomear esses centros que reúnem informação, como por exemplo “Memorial”, “Centro de memória”, “CEDOC”. O que leva instituições a criarem esses centros de documentos, é a preservação da trajetória das mesmas, a conservação de uma memória institucional, a salvaguarda e custódia de parte de uma



história que sinaliza a identificação de um grupo, de uma comunidade ou da sociedade.

Segundo Souza (2016, p. 40) as instituições têm o poder de definir o que será preservado e o que será descartado, construindo assim a memória a ser resguardada da mesma e pela mesma e que será compartilhada adiante com o público alvo. Porém até que ponto essas fontes documentais são tratadas e utilizadas pelo pesquisador quando em fase da produção de suas pesquisas? Quais critérios são adotados por este na seleção do que vai entrar em seu estudo?

PESQUISADOR E A SELEÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Em uma situação em que todos vivem imersos em informações, é uma função do profissional da ciência da informação (arquivista, bibliotecário, documentalista, museólogo) mediar as existentes nos diversos centros de informações afim de sanar, sem restringir, interesses do pesquisador em sua busca do conhecimento ao seu objeto de pesquisa, pois cabe a este identificar em um leque de opções de documentos o que realmente é relevante para seu estudo. Como descreve Le Goff

A crítica interna deve interpretar o significado dos documentos, avaliar a competência do seu autor, determinar a sua sinceridade, medir a exatidão do documento, controlá-lo através de outros testemunhos... Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado (LE GOFF, 1990, p. 110).

Como produto de uma sociedade, o documento manifesta o jogo de força e de interesse dos que detêm o poder, não sendo, entretanto, produções isentas, ingênuas; e sim, traduzem leituras e modos de interpretação do vivido por um determinado grupo de pessoas em um dado tempo e espaço.

Segundo Silva et. al. (2009) a pesquisa documental permite a investigação do problema por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e devido a isso deixa transparecer o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de observação de quem os produziu, isso exige cautela e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade e a fidedignidade do seu estudo. Entende-se ainda que, dependendo da área de pesquisa do investigador e dos interesses do estudo, documentos que podem ser desprezados para uns podem ocupar um



grande destaque para outros.

Cabe ao pesquisador também ter habilidade no uso das ferramentas tecnológicas de armazenamento de informações documentais em rede já disponibilizadas por um vasto número de instituições informacionais, como arquivos, centros de documentação e bibliotecas. Conforme Le Goff comenta: “O novo documento é armazenado e manejado nos bancos de dados. Ele exige uma nova erudição que balbucia ainda e que deve responder simultaneamente às exigências do computador e à crítica da sua sempre crescente influência sobre a memória coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 542)

É essencial que o pesquisador faça sua análise documental avaliando o contexto histórico no qual foi produzido o documento, observando o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, pois tal conhecimento, segundo Sá-Silva; Almeida; Guindani (2009) possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, colocando o pesquisador em condições de uma melhor compreensão das particularidades da forma de organização, evitando interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos, evitando o anacronismo.

Outra observação pertinente ao pesquisador é a codificação de suas análises em um registro, como por exemplo o uso de um inventário, fazendo anotações à margem do próprio material analisado, esquemas, diagramas e outras formas de síntese. Ainda segundo Sá-Silva; Almeida; Guindani (2009) tais anotações como um primeiro momento de classificação dos dados podem incluir o tipo de fonte de informação, os tópicos ou temas tratados, o momento e o local das ocorrências e a natureza do material coletado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observado no transcorrer desta pesquisa bibliográfica que a Biblioteconomia e Documentação sempre estiveram bem próximas embora existissem muitos conflitos de ideias entre seus profissionais até o início do século XX mediante o avanço das tecnologias e a explosão informacional que acarretou em novo conceito que é o da “ciência da informação” e uma nova postura do profissional de tratamento, seleção, armazenamento e disseminação da informação em todo tipo de suporte.



Foram identificados algumas semelhanças e diferenças entre os dois objetos de estudo que possuem suas características particulares. O arquivo compreende documentos em fase corrente, intermediária e permanente, apoia a instituições na tomada de decisões, assim como servem de subsídios a pesquisas, com documentos históricos, informativos, probatórios. O centro de documentação reúne documentos nos mais variados suportes acerca de uma temática, em grande parte por meio de doações ou permutas, compondo um local de memória institucional e importante fonte para pesquisas e elaboração de trabalhos científicos.

Por fim abordou-se análise dos documentos para produção de conhecimento e criação de novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O pesquisador deve interpretá-los, resumir as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a dedução.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

AULETE, Caldas. **Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000. 287 p.

DIEHL, Astor A. **Do método histórico**. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

FANTINI, Sérgio Rubens. **Aplicação do gerenciamento eletrônico de documentos: estudo de caso de escolhas de soluções**. Florianópolis, 2001. 104 f. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez., 2002, p. 314-332

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução a biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 2007.

HORA, Sérgio Ricardo Almeida da; SATURNINO, Luyz Paullo Targino; SANTOS, Eliete Correia dos. **A evolução do arquivo e da arquivologia na perspectiva da história**. [S.l.]: Webartigos.com, 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-arquivo-e-da-arquivologia-na-perspectiva-da-historia/33326/#ixzz563NWy8Kq>> Acesso em 03 fev., 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 59-79, 2009.



- PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, v. 1, n. 1, p. 01-15, jul. 2009
- SILVA, Jonathas Luiz Carvalho, FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr., 2012.
- SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da [et al.] **Pesquisa documental alternativa investigativa na formação docente**. In.: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 9; Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 3, 2009... Anais Curitiba: PUCPR, out., 2009
- SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.52-66, set./dez 2010.
- SOUZA, Francisco Weliton Oliveira Araujo. Arquivo e centro de documentação: semelhanças e diferenças, teoria e prática. **Ágora**, Florianópolis, v. 26, n. 52, p. 30-48, jan./jun., 2016. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2016/2526-1466626666.pdf>>. Acesso em 03 fev., 2018
- VIEIRA, Afonso Valter. As tipologias, variações e características da pesquisa de Marketing. **Revista da FAE**, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002. Disponível em <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v5_n1/as_tipologias_variacoess.pdf>. Acesso em: 19 set., 2016.